

## Jornalista propõe a venda da Amazônia

Fernando Collyer \*

A Amazônia tornou-se o centro dos interesses internacionais. Alguns, nem sempre confessáveis. A cada 18 dias um satélite navega placidamente pelo espaço amazônico, fotografando nosso território, fazendo um mapeamento indiscreto de seus recursos naturais. E pasmem, capta até a fumacinha da inocente fogueira que assa o jaraqui do caboclo, impedido pela pobreza de ter um fogão a gás.

Pois bem, essa fogueirinha já foi motivo de reuniões, congressos e passeatas hilárias, pelas ruas de Londres, terminando nas portas da embaixada brasileira. Com esses atos cômicos, eles dizem que estão protestando contra a "queimada" da floresta. Enquanto isso, xiftas ecológicos da Alemanha berram que na Amazônia se devasta o equivalente a 100 campos de futebol por dia. Qualquer péssimo aluno de matemática, numa trivial conta de multiplicar, concluiria que a floresta já teria acabado, há anos.

Essa campanha de comprometimento da Amazônia foi desencadeada há uns 20 anos, cujo objetivo é negar a capacidade gerencial da Nação de continuar ocupando essa região, vital para o prosseguimento das pesquisas da biotecnologia.

Não nos bastassem essas torpes campanhas externas, vem agora o sr. Carlos Heitor Cony defender, em artigo publicado na "Folha de São Paulo", que o presidente FHC venda a Amazônia, "por preço justo, porque ela onera o orçamento nacional, pois tira mais do que dá".

Em sua irrevogável ignorância em questões amazônicas, o sr. Cony diz que, vendendo a Amazônia, "o país deixaria de atrair a cólera de outros povos pelos crimes ecológicos que se praticam. Ficaríamos livres das demarcações de terras indígenas que causam problemas com vizinhos".

O sr. Cony, além de confessar-se um menestrel da ignorância em Amazônia, confessa também ter sido um péssimo aluno de geografia, desses que ignoram até os 4 pontos cardeais. Ele não sa-

be que a Amazônia ocupa uma vasta extensão territorial de 5 milhões 121 mil Km<sup>2</sup>, representando 60% do território brasileiro. Sua reserva hídrica é de 1/5 das reservas mundiais de água doce. O seu potencial hidrelétrico é estimado em 100 mil Mw. As reservas de madeira de lei são calculadas em 50 bilhões de m<sup>3</sup>, representando 1/3 os recursos mundiais de madeiras tropicais.

O potencial mineral amazônico, já devidamente detectado e avaliado pelos órgãos oficiais de geologia, alcança a extraordinária cifra de 2,5 trilhões de dólares — quase 20 vezes o valor da dívida externa do Brasil. Não bastassem esses recursos que fariam de qualquer país o mais rico do mundo, está na Amazônia o maior banco genético do planeta, pois concentra 30% do "estoque" mundial, tornando-se uma região imprescindível para o desenvolvimento da biotecnologia — a ciência-chave do futuro do mundo.

O artigo do sr. Cony é deveras prejudicial à Amazônia, e vem somar-se aos conceitos xiftas de que o brasileiro está acabando com a região. Opiniões como essa do sr. Cony nos remetem à década de 80, quando foi praticado autêntico terrorismo numérico, divulgando no exterior que 20% da floresta amazônica havia sido destruída. Esses dados foram desmentidos pelo relatório da CPI da Hiléia Amazônica, no Senado Federal, em 1989.

Finalizando o seu lamentável e impensado artigo, o sr. Carlos Heitor Cony diz que, mesmo "vendendo a Amazônia, ainda seríamos maior do que o Japão, a Alemanha e os tigres asiáticos, e haveria mais comida e menos tristeza para o restante de brasileiros".

Realmente, com a venda da Amazônia ainda restariam 40% do território nacional, onde ele poderia continuar a exercitar sua ironia acaciana nas regiões sobreviventes. Pobres delas.

\* FC é jornalista, amazonólogo e autor do livro "A Farsa da Preservação da Amazônia" (1ª edição em português, de 5.200 exemplares, já esgotada)